

Ensaio e Projecto

Nuno Pinto Ribeiro
Universidade do Porto

Este volume resulta, no essencial, da reunião das comunicações oferecidas às jornadas científicas que, sob os auspícios da Reitoria da Universidade do Porto e do IRICUP, juntaram em Janeiro de 2006 estudiosos de diversa origem e formação para um diálogo interdisciplinar subordinado à ideia traduzida em epígrafe. Trata-se de um gesto fundador da sistemática aproximação de saberes tornada necessária pela experiência de investigação e ensino e pela reacção ao esparrilho de competências que frequentemente separa, no plano dos estudos universitários, o que vive em estreitas afinidades electivas e em potencial diálogo. Outros desenvolvimentos deste ensaio, embrionário de um projecto comprometido na constituição de um Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto (C.E.T.U.P.), se anunciam já: na iminente publicação de um volume de estudos centrados nas *Linguagens Barrocas do Teatro Europeu* (é este o título de segundo encontro internacional que teve lugar em Junho de 2006), na instituição de jornadas internacionais de carácter regular e na programação de simpósios e conferências para o ano de 2007. Deste modo se vai dando corpo a um empenho que, não almejando reconstituir, é certo, a visão compreensiva dos *studia humanitatis* – os rumos da especialização do nosso tempo visivelmente não secundam tal generosidade –, abrem, pelo menos, espaço a novas cumplicidades e à concepção e realização de projectos no terreno de uma utopia já revelada bem concreta nos procedimentos incoativos deste Ensaio. Para que a Universidade se cumpra, como se escreve em texto destas comunicações.

A enunciação de propósitos concorda com a economia que rege o presente volume: a partilha de saberes sugere que ela não obedeça a uma distribuição rigorosa das contribuições em função da matéria. O leitor saberá identificar o que une as estâncias de um itinerário aberto nas propostas de um arquitecto e professor logo seguida pelas oferecidas por dois ensaístas oriundos dos Estudos Literários, ou, depois, o que em relação sequencial se procura articular entre Architectura e Filosofia;

saberá reconhecer a importância e o lugar do Direito, também envolvido na rede de solidariedades que anima o Encontro, e certamente descobrirá o sentido de integração sugerido na contiguidade que une os ensaios de preocupações mais urgentes ou mais localizadas. Deste modo, a sequência, não sendo conformada por quaisquer razões hierárquicas ou juízos de valor, é percorrida pela lógica discreta que a inaugura com o texto de Domingues Tavares, mote das preocupações que mobilizam o Encontro, se prolonga nas reflexões de Martial Poirson e de Romain Jobez, centradas no estatuto do teatro face à constelação algo dissolvente das artes do espectáculo, nas relações entre literatura e representação e, neste contexto, nas tradições mais recentes do ensino artístico em França e na Alemanha; em seguida, as projecções simbólicas do espaço teatral, inscritas na configuração do edifício ou no seu lugar na urbe, regressam na investigação de Luís Soares Carneiro acerca dos teatros históricos portugueses, demolidos nos mitos em que tradicionalmente vivem e reerguidos no exame da sua arquitectura prenhe de significados culturais e sociais e de códigos de persuasão estética e ideológica, na de Vítor Moura, atenta aos contextos da representação conformadores do olhar do espectador e modeladores das tensões libertadas na experiência do espectáculo teatral, e na de Jorge Rivera, especulação sobre domínios tão arrojados como o implicado na prospecção ancorada na consolidação da presença humana no cosmos ou numa «instauração temporal do espaço arquitectónico»; a estas contribuições, que manifestam a cumplicidade entre os desafios da investigação da Arquitectura na História e as perspectivas abertas pelo pensamento filosófico, se junta a participação do Direito, pela voz de Glória Teixeira, para interrogar a razoabilidade das soluções que, em tese geral, têm vindo a ser dadas à realidade multifacetada mobilizada pelo Teatro, objecto de áreas diversas do ordenamento jurídico, e para sugerir, ainda, rumos de mudança que a experiência colhida em instâncias jurídicas internacionais poderá inspirar, e pela de Regina Redinha, para denunciar a inadequação do regime que entre nós disciplina o texto teatral, já que o Código de Direitos de Autor e Direitos Conexos, referência nesta matéria, é diploma insensível à natureza autónoma do acto teatral e à representação cénica ou aos patamares de intervenção que constroem um produto final, uns e outros a merecerem uma disciplina específica que os liberte da sombra tirânica da protecção exclusiva dispensada à obra literária; chega, entretanto, a vez de um depoimento de intenção mais específica, o de João Mendes Ribeiro, arquitecto e cenógrafo, a desvendar, com o saber de ciência feito de quem apaixonadamente ajudou a dar corpo a obra colectiva, um pouco da vida íntima da representação do D. João de Molière, encenado por Ricardo Pais e recentemente levado à cena no Porto; finalmente, um acervo de propostas originadas nos Estudos Literários, aberto com a intervenção de Cristina Marinho, momento que recorda o lugar seminal

que a experiência docente no Mestrado em Texto Dramático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto constituiu para a iniciativa que junta agora estudiosos de formação diversa e, por outro lado, reafirmação da tese, que vem a autora sustentando desde as suas provas de doutoramento, de uma fecunda inspiração estrangeira no teatro nacional, manifestada ao longo dos últimos séculos e ainda hoje poderoso factor estruturante das nossas criações dramáticas (no rigor dos termos, os próprios dramaturgos estrangeiros em Portugal são, afinal, parte integrante do teatro português, como o nosso tempo vem eloquentemente a documentar) logo seguida da contribuição de Belmiro Pereira, que sublinha a universalidade do teatro greco-latino, destaca alguns estudos mais relevantes neste domínio surgidos nos últimos anos e oferece perspectivas de um produtivo empenhamento no projecto comum, completando-se o quadro com três participações: a de Nuno Pinto Ribeiro, centrada nas relações entre texto dramático e texto teatral e encorajada por experiência de ensino da literatura, a de Tânia Leão de Sá, leitura cénica da representação de *Um Hamlet a Mais*, a recriação da conhecida tragédia de Shakespeare encenada há poucos anos por Ricardo Pais, agora vivida bem de perto através da interpelação da figura do Fantasma, verdadeira eminência parda da acção dramática, e a de Mário Montenegro, exercício de criação em que teatro e experiência quotidiana se movimentam no espaço de múltiplas fragmentações: o tempo de Shakespeare e o tempo de Molière intersectam-se e, numa acronia solidária de insinuações e prolongamentos, representação e vida (des)encontram-se no palco vivo da memória e da História.

Sem prejuízo do projecto comum, os ensaios são, evidentemente, da responsabilidade primeira dos seus autores. E a lógica discreta que os une é de natureza inclusiva, algo semelhante àquela *concordia discors* que habita a realidade compósita que é o teatro. Também para que a Universidade se cumpra.